

Na crise, alemães fazem fila para comprar ouro

Com medo de inflação e de desvalorização do euro, investidores recorrem ao metal. Muitos transferem fortunas para franco suíço



OURO É transformado em barra em fábrica suíça: metal é visto como refúgio

Graça Magalhães-Ruether

Correspondente

• BERLIM. Com o agravamento da crise fiscal da Europa, o temor de uma desvalorização do euro e de uma escalada da inflação tomou conta dos alemães. Os efeitos podem ser vistos na Pro Aurum, no centro de Berlim, onde há diariamente uma fila para comprar ouro. Na empresa, os negócios com o metal cresceram 400% desde janeiro, conta Heiko Gans, gerente da Pro Aurum. A procura é tanta que o tempo de espera por uma encomenda chega a duas semanas.

— Os compradores não estão interessados em lucros, mas apenas em ter o ouro em casa como forma de preservação de suas fortunas para o caso de inflação e desvalorização da moeda nos países da união monetária — explicou Gans.

Barras guardadas em casa por temor de falência de bancos

Na última sexta-feira, Gans vendeu centenas de milhares de euros em barras de ouro. Um casal bem vestido, que não quis se identificar, comprou cinco barras, cada uma de um quilo, no

valor total de € 155 mil euros. Antigamente, os compradores costumavam levar o metal precioso para um cofre bancário, mas hoje é cada vez mais comum guardarem seu ouro em casa. O mesmo casal levou as barras para casa, pensando nas piores hipóteses: “o euro perder o valor com a inflação e os bancos entrarem em falência”.

A corrida pelo ouro em eras turbulentas não chega a ser novidade. Mas fazia tempo que não ocorria. Há dez anos, os bancos alemães deixaram de vender o metal e surgiram lojas especializadas, como a Pro Aurum. Nessa época, uma onça (31,1 gramas) valia US\$ 250 na Alemanha. Agora, o está em torno de US\$ 1.200. No mercado internacional, a cotação subiu 28% frente ao dólar nos últimos 12 meses.

Além da corrida ao ouro, há transferências de fortunas para o franco suíço ou a coroa norueguesa. A Noruega tira proveito por não ter entrado na União Europeia e por ter elevadas reservas de petróleo, outra garantia de preservação de valores.

Para Michael Lerner, do Deutsche Bank em Frankfurt, a desvalorização do euro é proble-

mática pois ocorreu em pouco tempo. No fim do ano, o euro valia US\$ 1,43. Na sexta-feira, US\$ 1,23 — queda de 14%. Mas ele não vê motivo para pânico:

— Nós estamos confiantes de que o euro vai continuar estável apesar da crise atual.

Ministro diz que desconto de imposto pode acabar

Mesmo com alguns apostando na estabilidade do euro, a Alemanha avalia adotar medidas para conter a crise, como eliminar descontos de tributos.

— Se acabamos com isenções de impostos, alguns vão dizer que isso é um aumento de impostos — disse o ministro de Finanças do país, Wolfgang Schäuble, ao jornal “Bild am Sonntag”, em entrevista que será publicada hoje.

Há rumores de que a alíquota sobre valor agregado incidente sobre alguns itens — de 7% — voltará ao padrão de 19%.

Na tentativa de minimizar os efeitos da crise, os alemães também têm destinado uma parcela cada vez maior de seus investimentos a fundos especializados no Bric (grupo que reúne Brasil, Rússia, Índia e China). Segundo

Anke Hallmann, porta-voz do DWS, braço de investimentos do Deutsche Bank, 33% investem em ações brasileiras. O restante, em Rússia, Índia e China. Há ainda grande volume de negócios com certificados que apostam na valorização do real em relação ao dólar. Na Alemanha, mais de dez fundos de investimentos especializaram-se nos países do Bric.

No DWS, são € 2,5 bilhões aplicados nesses fundos. O lucro das aplicações nos Brics, nos últimos quatro anos, foi de 111%. Segundo Hallmann, quem investe no DWS Euro obteve retorno de apenas 12% no mesmo período.

Para Dirk Müller, que trabalha na Bolsa de Frankfurt, o maior problema do euro é psicológico:

— Perdemos a confiança no euro. Muitos acreditam que em breve o euro vai deixar de valer, a moeda vai entrar em colapso, e os países teriam de voltar a adotar suas moedas antigas.

O fantasma de uma grande desvalorização da moeda nacional é vivido diariamente na Alemanha. Muitos jornais passaram a publicar fotos do fim da República de Weimar, a era da hiperinflação entre o fim do império e o surgimento do nazismo. ■

A Europa protege o emprego; devia proteger o trabalhador

Economista Nouriel Roubini defende novo modelo de proteção social e alerta para déficit trilionário americano

ENTREVISTA

Nouriel Roubini

Luciana Rodrigues

O GLOBO: No recém-lançado livro “A economia das crises”, o senhor diz que a crise grega poderia contagiar outros países e levar a um rompimento na zona do euro e na União Europeia. Quais os riscos hoje de esse cenário se confirmar?

NOURIEL ROUBINI: O FMI e o Banco Central Europeu aprovaram um pacote de quase US\$ 1 trilhão, mas os mercados ainda estão muito nervosos. O problema não é só a Grécia, é Portugal, é Espanha e, potencialmente, Itália e Irlanda. Os mercados temem que esses países não consigam fazer as difíceis escolhas políticas de cortar gastos e aumentar impostos. Alguns governos são fracos, não têm coalizão de maioria (nos parlamentos). Esses países não têm

apenas um problema de grande déficit fiscal, têm um problema de competitividade, de déficit externo, estão perdendo mercados para China, para países do Sudeste Asiático e para empresas da Europa Central. Há um risco de um segundo mergulho, uma recessão em “W” na Europa.

• E quais são as chances de um rompimento na zona do euro, com a Grécia sendo forçada a resgatar o dracma, Portugal reviver o escudo, etc.?

ROUBINI: Certamente, antes de considerarem sair da união monetária, há o risco para um ou mais desses países, começando pela Grécia, de serem forçados a reestruturar sua dívida. Mas continuará havendo o problema de competitividade. Então, há o risco de que, daqui a três ou cinco anos, alguns des-

ses países decidam sair da zona do euro. Não acho que isso vá ocorrer em breve. Mas a probabilidade é crescente.

• O senhor defende um programa de “flexicurity” (palavra em inglês que é um misto de flexibilidade e segurança) para os trabalhadores. Mas a Europa tem cortado gastos sociais.

ROUBINI: O sistema tradicional de bem-estar social na Europa continental fracassou, assim como o *laissez-faire* anglo-saxão. O modelo europeu optou por proteger os empregos. Se uma empresa está em dificuldades, o modelo tenta fazer com que ela mantenha os empregos. Mas, se uma indústria decadente mantém os empregos, isso cria distorções, e os custos da proteção social ficam muito elevados. O correto é proteger o trabalhador.

Se ele perde seu emprego, então deve haver seguro-desemprego, investimento em qualificação profissional, benefícios que caminham com o trabalhador até seu novo emprego. A globalização exige que o trabalhador mude de emprego várias vezes. Para haver mais flexibilidade no mercado de trabalho, tem que haver uma rede de proteção social, mas não que proteja um emprego específico. É um tipo de política adotada em países como a Suécia e a Dinamarca.

• E quanto aos EUA, a questão fiscal americana é algo para se preocupar desde já?

ROUBINI: Há déficits elevados na zona do euro, mas também nos EUA, no Japão e no Reino Unido. Mesmo os EUA não podem sustentar um déficit orçamentário de US\$ 1 trilhão por

ano nos próximos dez anos. Em algum momento, os “bond vigilantes” (investidores atentos a riscos fiscais), que se preocupam hoje com Grécia e Espanha, vão se dar conta dessa situação. Com a crise europeia houve uma “fuga para a qualidade”, com investidores correndo para títulos do Tesouro americano. Mas, mesmo nos EUA, isso pode ocorrer nos próximos dois ou três anos.

• Quais são suas perspectivas para o Brasil?

ROUBINI: O país está em boa forma, e o crescimento tem sido robusto. Devemos dar crédito ao Lula por suas políticas fiscal e monetária, mas o presidente não está fazendo as reformas necessárias para aumentar o crescimento potencial da economia. O novo presidente, ele ou ela, terá que fazer essas reformas. ■

Espanha e Portugal já veem os imigrantes brasileiros indo embora

Cerca de 200 mil protestam em Lisboa contra medidas de austeridade

Priscila Guilayn

Correspondente

• MADRI e LISBOA. Douglas Rocha tem € 200 no bolso. É o que sobra desde que chegou a Madrid, vindo de Cuiabá, há três semanas. Diz que não quer dar despesas à amiga de uma prima, então vai conhecendo gente e dormindo dois dias aqui, dois ali. A crise econômica não impediu que ele escolhesse a Espanha como destino. Já para o também mato-grossense José Horácio Lima a crise é justamente o que o levou a preparar as malas para voltar com a mulher para Cáceres.

— Os atuais movimentos migratórios não podem ser entendidos só a partir de uma lógica macroeconômica. Tratam-se de microestratégias que se alimentam a partir das redes migratórias. Isso pode explicar, por exemplo, por que, em plena crise econômica, continuam chegando imigrantes à Espanha, entre eles brasileiros — diz o sociólogo brasileiro Leonardo Cavalcanti, professor da Universidade Autônoma de Barcelona, especializado em migrações.

Embora Douglas esteja chegando e José Horácio, partindo, ambos compartilham a mesma visão: para os imigrantes, com a crise, é praticamente impossível conseguir trabalho. O desemprego na Espanha já supera a taxa de 20% e, segundo alguns estudos, cerca de 30% dos desempre-

gados são estrangeiros com visto de residência e trabalho. Dos 4,6 milhões de imigrantes que vivem na Espanha, pelo menos um milhão está sem trabalho, segundo o governo. Os imigrantes “sem papéis” não entram nas estatísticas.

Em Portugal, não há dados oficiais sobre imigrantes desempregados, mas a taxa nacional de desemprego é igualmente alta, de 16,3%. A situação só tende a piorar com o recente pacote de austeridade anunciado pelo governo. Ontem, cerca de 200 mil pessoas marcharam nas ruas de Lisboa contra o plano.

O consulado brasileiro em Madri calcula que, entre regulares e irregulares, em 2007 moravam 50 mil brasileiros na Espanha. Em 2008, já eram 120 mil, mas em 2009 o número avançou apenas em cinco mil.

Em Portugal, as últimas estatísticas são de 2008 e apontam 107 mil brasileiros com visto de residência (os “sem papéis” não entram na conta). Em 2007, eram 66 mil.

— Sabia que a Espanha estava em crise, mas pensava que era igual ao Brasil, onde mesmo na crise sempre tinha trabalho — afirma Douglas, de 23 anos.

Atraído pelo sonho de uma vida melhor, José Horácio veio a Madri há quatro anos, deixando em Cáceres seus dois filhos.

— Era tudo ilusão. Consegui trabalho na construção. Mas a recessão apertou e eu dancei — diz Horácio, de 36 anos, que faz bicos como pedreiro. — Para completar, eu e minha esposa dividimos um apartamento com outros dois casais brasileiros. Viver assim não é vida. (Com agências internacionais) ■

Patricia de Melo Moreira/AFP



MANIFESTAÇÃO EM Lisboa: desemprego em Portugal chega a 16,3%

Brasil embala ensino de português

Crescimento do país impulsiona busca por cursos da língua

Henrique Gomes Batista

• Contrastando com a estagnação no mundo desenvolvido, o forte crescimento do Brasil atrai a atenção dos estrangeiros. Prova disso é a procura por cursos de português: o número de alunos nas escolas credenciadas pelo Itamaraty no exterior pulou de 13 mil, em 2000, para 27 mil no ano passado. E o número de pessoas que se inscreveram na prova de proficiência de português feita pelo Brasil, a Celpe-Bras, saltou de 1.178 em 2000 para 5.267 em 2009.

— Esse avanço é decorrente do crescimento do Brasil, do aumento da participação de empresas verde-amarelas pelo mundo e da maior integração proposta pelo atual governo — disse Leonardo Lott Rodrigues, chefe da Divisão de Promoção da Língua Portuguesa do Itamaraty.

Segundo ele, essa busca é generalizada. Atualmente, o maior crescimento ocorre em países em que o ensino não era tradicional, como China e Índia, locais que deverão receber novos centros de estudo do governo — hoje a rede conta com 21 centros culturais e 52 leitorados pelo mundo, 16 instituições a mais que em 2006. Na Argentina, a busca está tão elevada que o governo decidiu incentivar a formação de professores de português, e não apenas de alunos:

— A Argentina, o Uruguai e a Venezuela aprovaram leis que tornam o oferecimento do ensino do português como uma opção em toda a rede fundacional de ensino, que será oferecido paulatinamente junto com o inglês.

Isso é sentido por José Martins Pereira, diretor do Brasil Club S.R.L. em Montevidéu. A escola, exclusiva em português, funciona desde 1992 e viu não só o aumento na procura como a troca de público. No início, o curso era procurado por turistas. Depois, aumentou o



TURMA DA Brasil Club, em Montevidéu: cresce busca de empresas

número dos que tentavam fazer pós-graduação no Brasil. Agora, o interesse é comercial:

— Há dois anos, abriu a terceira escola exclusiva de português na cidade, além das diversas que ensinam muitas línguas. E, desde 2007, quando o governo editou uma lei que permite abater do Imposto de Renda o gasto com cursos de português dentro das empresas, há muita demanda por turmas corporativas.

A salvadorenha Joyce Alvarez entrou na nova onda de aprendizagem de português que invade seu país — que tem uma brasileira como primeira-dama. Ela acredita que os países da América Central não podem desprezar o novo “gigante econômico” do Sul:

— Cada vez há mais empresas brasileiras aqui, e saber português é um diferencial.

O número de pedidos de vistos de estudantes no Brasil — que passou de 6.344 em 2006 para 7.657 em 2008 — demonstra uma maior curiosidade sobre o país.

— Na Europa, a língua é quase um dialeto, é menos falado que o catalão. Mas no mundo cresce a procura também na África, devido à força regional de Angola e Moçambique. Crescendo na África, queremos ser uma língua oficial da ONU — disse Rodrigues, do Itamaraty.